



## **EXPERIÊNCIAS DE GESTORAS ESPORTIVAS EM FEDERAÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL**

Luiza Aguiar dos Anjos<sup>1</sup>  
Suélen de Souza Andres<sup>2</sup>

### **RESUMO**

*O objetivo desta pesquisa é analisar as experiências de mulheres na gestão de federações esportivas do Rio Grande do Sul, a partir de seis entrevistas. Identificamos experiências distintas no que tange ao modo e momento de envolvimento com o esporte, tempo de dedicação à entidade e motivações para tal. O fato de serem modalidades não associadas à masculinidade parece ter facilitado à inserção e ascensão dessas mulheres, que afirmam ser minoria, mas não consideram ser tratadas de forma desigual.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Mulheres; Esporte; Gestão Esportiva.*

### **1 INTRODUÇÃO**

O ambiente esportivo ainda é ocupado predominantemente por homens, mas é possível perceber como as mulheres têm conquistado espaços. Se o crescimento da prática esportiva por mulheres é inegável – ainda que não plenamente satisfatório –, menos evidente é o incremento da participação de mulheres em outros postos que não os da prática do jogo, como nas funções de treinadoras, jornalistas, árbitras, integrantes da comissão técnica, etc.

Esse estudo trata de um desses espaços, o da gestão esportiva. Para uma mulher, inserir-se e manter-se em qualquer dos postos mencionados envolve superar pressupostos de que elas não gostam ou entendem de esportes tanto quanto homens, o que se vivencia de forma mais ou menos conflituosa conforme particularidades de cada modalidade e contexto. Às gestoras impõem-se dificuldades adicionais pelo fato do ofício de administrador ser uma ocupação tradicionalmente masculina.

Segundo dados de Gomes (2008), as mulheres ocupam 7,7% dos cargos nos principais órgãos diretivos de âmbito nacional. Em consonância, Karnas (2010), em trabalho de revisão acerca do perfil de gestores esportivos, verificou que, de seis pesquisas, cinco identificaram exclusividade ou amplo predomínio (80% ou mais) de homens.

Analisando um outro campo de atuação do gestor esportivo, os clubes socioculturais e esportivos, Bastos et al. (2006) identificaram que todos os administradores das sete instituições paulistas que participaram da pesquisa são homens. Já Santana et al. (2012), focando em gestores de academias, verificaram que 68,7% são homens.

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), luizaaguiardosanjos@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), suelenandres@yahoo.com

Percebemos, então, que a sub-representação atravessa diferentes campos do esporte. Tendo isso em vista, o objetivo desse trabalho é analisar as experiências de seis mulheres na gestão de federações esportivas do Rio Grande do Sul (RS).

## **2 CAMINHOS METODOLÓGICOS**

As fontes utilizadas nessa pesquisa foram os depoimentos orais de seis mulheres que estiveram envolvidas na gestão de federações esportivas do RS<sup>3</sup>. Foram elas: Eliana Cecília dos Santos, presidente da Federação de Ginástica Artística, Rítmica, Trampolim, Aeróbica e Acrobática do Rio Grande do Sul; Laura Dias Pantoja, presidente da Federação Gaúcha de Patinagem; Simone Philippi, vice-presidente da Federação Gaúcha de Arco e Flecha; Tatiana Capra de Castro, vice-presidente da Federação Gaúcha de Esportes Equestres; Andréa Benitez Fermino Ilha, presidente da Associação Rio-grandense de Jet-ski; Vera Lúcia Mastracusa, presidente da Federação Gaúcha de Badminton.

Tais depoimentos foram produto de entrevistas semi-estruturadas cujos roteiros foram elaborados focando no envolvimento dessas mulheres com os esportes, sua atuação na gestão esportiva e nas federações.

Utilizamos como o eixo teórico-metodológico a História Oral, adotando uma postura com relação à história e às configurações socioculturais que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu (ALBERTI, 2005, p. 23).

Para sistematizar o material empírico, analisamos as transcrições das entrevistas e organizamos as informações encontradas em duas unidades de análise, sendo elas: A trajetória dessas mulheres até sua atuação nas federações que presidem; Questões de gênero em suas trajetórias na gestão esportiva.

## **4 OS CAMINHOS ATÉ A GESTÃO ESPORTIVA**

Quatro das seis gestoras entrevistadas se inseriram na modalidade primeiramente como praticantes. As exceções são Laura Pantoja e Vera Mastracusa. Laura se envolveu com a patinação por intermédio da vivência prática da filha, passando a se envolver na organização da escolinha em que ela praticava, e futuramente na Federação (como colaboradora, em seguida vice-presidente e, então, presidente). Já Vera conheceu o badminton assistindo a modalidade nos Jogos Olímpicos. Sendo profissional de Educação Física e proprietária de uma escolinha de esportes, decidiu inserir a modalidade em sua empresa. O desejo de contribuir com o desenvolvimento da modalidade lhe motivou, então, a ingressar na Federação.

Apesar das quatro demais terem sido atletas, apenas duas delas iniciaram na modalidade na infância. Eliana dos Santos começou sua trajetória na ginástica com 11 anos, tendo interrompido a prática na juventude, quando já exercia a função de treinadora. Tatiana de Castro também se iniciou no hipismo com 11 anos e até o momento da entrevista competia, conciliando os treinamentos com a função de gerente de um centro hípico e a função de vice-presidente da Federação.

---

<sup>3</sup> Essas entrevistas fazem parte do acervo do Projeto Garimpando Memórias, do Centro de Memória dos Esportes (CEME/UFRGS), aprovado pelo Comitê de Ética da UFRGS sob o número 2007710. Todas as entrevistas estão disponibilizadas em: <<http://www.ufrgs.br/ceme/site/entrevistas>>.

No que se refere ao início da atuação como gestoras esportivas, para Eliana dos Santos e Tatiana de Castro, ela parece representar uma continuidade de suas carreiras como atletas, processo que se observa em outros estudos com gestoras esportivas (SOUZA DE OLIVEIRA; TEIXEIRA, 2009; HILGEMBERG; MOURÃO, 2012). A trajetória profissional de ambas se centra na modalidade e, antes ou durante a ocupação do cargo na Federação, envolveu outros postos de atuação no esporte.

Nas experiências de Simone Philippi, Andréa Ilha e Vera Mastracusa, destaca-se o fato de que o envolvimento com as federações, mais do que um desejo pessoal, são retratados como uma necessidade para o desenvolvimento da modalidade em que atuam.

## 5 SER UMA MULHER GESTORA ESPORTIVA

Para agregar à compreensão do cenário da modalidade em que atuam nossas entrevistadas no que tange à presença feminina, expomos na tabela abaixo (Tabela 1), o percentual atual de mulheres nas instituições presididas por elas.

Tabela 1 – Participação de mulheres na diretoria em algumas Federações Esportivas do Rio Grande do Sul, 2017.

Federação	Nº de cargos efetivos	Mulheres	Percentual de mulheres	Presidência	Vice-presidência
F. G. de Esportes Equestres	8 <sup>1</sup>	1	12,5%	Homem	Homem
F. G. de Arco e Flecha*	5	-	-	-	-
F. G. de Badminton	5	2	40%	Homem	Homem
F. G. de Patinagem	10	3	30%	Homem	Mulher
Federação de Ginástica Artística, Rítmica, Trampolim, Aeróbica e Acrobática do Rio Grande do Sul	23	12	52%	Homem	Homem
Associação Rio-grandense de Jet-ski*	-	-	-	-	-

\*Federações que não apresentam os membros da diretoria em sua página oficial.

Fonte: As autoras (2017).

Nota-se que o percentual de participação de mulheres em todas as federações mencionadas é mais alto que a média nacional. É relevante apontar também, no ano de 2004, entre as confederações esportivas brasileiras, a de Ginástica e de Badminton eram as únicas com mulheres na presidência (GOMES; MOURÃO, 2006), o que indica uma ambiência favorável às mulheres na direção.

Possivelmente contribui para isso, o fato de nenhuma dessas modalidades possuírem uma representação associada à masculinidade. Nesse sentido, a circulação de mulheres na prática cerca-se de menos obstáculos, o que pode desdobrar-se também na gestão.

No caso da ginástica, em que, por sua vez, algumas modalidades são associadas à feminilidade verifica-se uma presença maior de mulheres também nos postos de comando. Além de ter sido a modalidade cuja federação gaúcha tem o maior percentual de mulheres entre as entidades que pesquisamos, segundo o trabalho de Gomes e Mourão (2006), suas federações nacionais possuem 90% dos cargos diretivos ocupados por mulheres.

Apesar disso, todas as entrevistadas afirmam que as mulheres ainda são minoria na gestão de suas modalidades esportivas, ainda que percebam um aumento desse número. Para Vera Mastracusa a sub-representação relaciona-se com a demanda do cargo, incompatível com a dedicação que se espera que uma mulher dê a sua família. De fato, a conciliação da vida profissional e pessoal é comumente apontada como um obstáculo para as mulheres que desejam ocupar cargos técnicos e diretivos no esporte (JAEGER et al., 2010; FERREIRA et al., 2013; GOMES, 2008). Laura Pantoja e Tatiana de Castro demonstraram que a participação da família nas atividades referentes ao esporte fez com que esporte fizesse parte das relações familiares, ao invés de competir com elas.

Apesar de perceberem-se como minoria, as gestoras acreditam não serem tratadas de modo desigual em relação aos homens. A única a mencionar ter experienciado situações de preconceito foi Eliana dos Santos. Todavia, ainda que ela conte que as mulheres de sua geração encontraram dificuldades em serem aceitas como gestoras, ela entende que atualmente ser mulher não lhe impõe dificuldades.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos que as experiências das entrevistadas com relação à gestão esportiva se deram a partir de experiências distintas no que tange ao modo e momento de envolvimento com o esporte, tempo de dedicação à federação e motivações para tal.

O sucesso que alcançam na gestão parece relacionar-se com a habilidade e condição de conciliarem sua vida profissional e familiar, com a atuação na federação, o que é apontado como possível diante de compreensão e apoio por parte de seus familiares.

O percentual de mulheres nas federações presididas pelas entrevistadas é maior que a média nacional nas Federações pesquisadas, mais ainda sim elas são e se percebem como minoria, ainda que não identifiquem um tratamento desigual por seus pares pelo fato de serem mulheres.

Cabe registrar que as modalidades nas quais atuam não são tradicionalmente associadas à masculinidade, o que pode ter contribuído com sua inserção e ascensão nas federações. Além disso, com exceção da ginástica, não se tratam de modalidades com grande reconhecimento e prestígio no cenário esportivo nacional. Nossas fontes não permitem afirmar que isso também exerceu influência em suas trajetórias na entidade, mas é um elemento que merece ser considerado em pesquisas futuras.

## EXPERIMENTOS DE GESTIÓN DEPORTIVA EN RIO GRANDE DO SUL FEDERACIONES

*RESUMEN: El objetivo de esta investigación es analizar las experiencias de las mujeres en la gestión de las federaciones deportivas de Rio Grande do Sul, a partir de seis entrevistas. Identificamos diferentes experiencias en relación con el modo y tiempo de participación en el deporte, tiempo de dedicación a la organización y la motivación para hacer lo. El hecho de que son los deportes que no están asociados con la masculinidad parece haber facilitado la integración y el crecimiento de estas mujeres, que dicen ser la minoría, pero no se consideran ser tratados de manera desigual.*

**PALABRAS CLAVE:** *Mujeres; Deporte; Gestión Deportiva.*

## EXPERIENCES OF WOMEN SPORTS MANAGERS IN FEDERATIONS OF RIO GRANDE DO SUL

*ABSTRACT: The aim of this research is to analyze women's experiences in the management of sports federations of Rio Grande do Sul, based on six interviews. We identified distinct experiences related to how and when they related with sport, the time of dedication to the entity and the motivations for it. The fact that they are modalities not associated with masculinity seems to have facilitated the insertion and ascension of women, who recognize being minority, but do not consider being treated in an unequal way.*

*KEYWORDS: Women; Sport; Sports Management.*

### REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005

BASTOS, et al. Perfil do administrador ESportivo de clubes sócio-culturais e esportivos de São Paulo/Brasil. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.5, n.1, p.13-22, 2006.

FERREIRA, H.J.; SALLES, J.G.C.; MOURÃO, L.; MORENO, A. A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 03, p. 103-124, jul/set de 2013.

GOMES, E.M.P. **A participação das mulheres na Gestão do Esporte Brasileiro**: Desafios e Perspectivas. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.

GOMES, E.M.P.; MOURÃO, L. As mulheres na gestão das federações esportivas no Brasil. In: Miguel de Moragas; Lamartine DaCosta. (Org.). **Seminários Espanã-Brasil 2006**. 1ed. Barcelona e Rio de Janeiro: Universidade Autônoma de Barcelona - Universidade Gama Filho, v. 1, p.72-81, 2006.

HILGEMBERG; T.; MOURÃO, L. Uma vez Flamengo sempre Flamengo: A Representação da Presidente Patrícia Amorim na Mídia Esportiva Nacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35, 2012. **Anais...** Fortaleza: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, p.1-13.

JAEGER, A.A.; GOMES, P.B.; SILVA, P.; GOELLNER, S.V. Trajetória de mulheres no esporte em Portugal: assimetrias, resistências e possibilidades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 245-267, jan/mar, 2010.

KARNAS, G.S. **Perfil do gestor esportivo nos países de língua portuguesa**: uma revisão de literatura. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010. 36p. Monografia, Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SANTANA, L.C.; MONTEIRO, G.M.; PEREIRA, C.C.; BASTOS, F.C. Perfil dos gestores de academia fitness no Brasil: um estudo exploratório. **Podium: Sport, Leisure and Tourism Review**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 28-46, jan/jun, 2012.

SOUZA DE OLIVEIRA, G.A.S.; TEIXEIRA, A.P.O. Trilhando um novo caminho: a gestão esportiva. **Gênero**, Niterói, v. 10, n. 1, p. 101-119, 2 sem., 2009.